

# Gramsci e a esquerda brasileira

\* Nelson Mello e Souza  
Ex-Chanceler da Universidade Estácio de Sá;  
Membro da Academia Brasileira de Filosofia.

## I

O pensamento de Antonio Gramsci tem sido relevante para dar base teórica aos movimentos brasileiros de esquerda, desde fins do século XX.

“Esquerda”, como posição ideológica, é metáfora espacial. Definia o local ocupado na assembleia pelos críticos do *Ancien Régime*, no período da Revolução Francesa. O termo passou a ser empregado pelos socialistas, desde o século XIX, com conotação ideológica. Influência de Marx.

Com o tempo, a expressão vulgarizou-se. Acabou sendo difícil definir com precisão o que, afinal, é “esquerda”. Autoproclamavam-se de “esquerda” tanto honestos e cultos idealistas, em luta constante

pela justiça social, quanto espertalhões profissionais, oportunistas de todos os tipos, neuróticos em busca de “revanche” existencial, além dos clássicos “utopistas” irremediáveis, tão condenados por Marx.<sup>1</sup>

Nessa curiosa fauna, vamos encontrar também alguns intelectuais de boa estatura e excelente formação marxista. Mas não parece exagero afirmar que a imensa maioria da chamada “esquerda” carece de base teórica, definida por estudos sérios. Conheço muitos deles que são marxistas de formação “oral”. Se leram algo, foi o *Manifesto*, uns poucos a *Crítica à Economia Política*. Jamais se preocuparam em estudar *O Capital*. Mas sabem apoiar-se reciprocamente. Como professores, e muitos deles o são, aproveitam a boa-fé dos jovens revoltados com as desigualdades de renda e a hipocrisia dos valores, para criar novos “marxistas” similares.

Num mundo cujo volume de riqueza produzida é substancialmente superior ao dos tempos de Marx, a persistência da miséria torna-se um escândalo social. Dessa situação, a esquerda esperta se nutre e se sustenta.

Mas há outro tipo de esquerda, cuja seriedade é inegável. Poderia merecer o nome de “esquerda sociológica”, por ser uma resposta teórica que surge em função da dinâmica social moderna.

Sua tipologia é variada. Engloba os que se engajam na crítica às desigualdades, lutando, objetivamente, por reformas necessárias. O que almejam é um ajustamento do sistema industrial mediante formas mais equitativas de distribuir sua riqueza em aumento. Isso porque o que vemos no mundo moderno é a miséria de bilhões seguir em sua jornada de desespero, enquanto, do “outro lado da lua”, a relação dos multibilionários só faz aumentar. Não é necessário ir a livros técnicos para conhecer o fato. Jornais diários o comentam, e até re-

vistas populares, como a *Fortune*, apresentam a fotografia do absurdo. Nomes destacados da esquerda reformista, como o Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, e seu admirador, Thomas Piketty, além de tantos outros, compõem os quadros desses economistas insistentes na denúncia e nas propostas de correção.<sup>2</sup>

Difícil sua tarefa, porque, além da resistência esperada por parte dos chamados “conservadores”, enfrentam também o desprezo da “esquerda” radical, em seu objetivo declarado de substituir o sistema e não simplesmente reformá-lo. Seja por via revolucionária “direta”, seja pela revolução “indireta”, tal como defendida por Antonio Gramsci, querem o chamado “socialismo”. Não desistem de “expropriar os expropriadores”, frase símbolo do *Manifesto*. Rejeitando o “reformismo”, autoproclamam-se autênticos marxistas.

Na linha da “guerra de posições”, a tese de Gramsci que veremos mais adiante chegar ao poder pela via democrática e aparelhar o Estado com seus adeptos tornou-se a vertente preferida do ativismo dominante. Seu objetivo declarado seria o de instalar um regime de perfil socialista.

Sob esse ângulo, fica bem mais clara a razão pela qual Gramsci é considerado o ícone dessa esquerda.

A verdade da vida, no entanto, nos traça um retrato singular. Afinal, não parece difícil perceber que boa parte desses “revolucionários” tem, na promoção da “ditadura do proletariado”, um disfarce retórico esperto. Seu projeto é outro. O grupo almeja ser absorvido pelo sistema que, pretensamente, condena, nele assumindo, para ficar, posições de poder. Sua liderança política nem mesmo leu algo de Gramsci, porque não se interessa em conhecer seu pensamento.

Muitos deles são tipos, pelo menos, “esquisitos”. Com ética “salamandra”, porque sempre muito bem ajustados às paredes do edifício social, vão desempenhando papéis aprovados pelas elites econômicas que supostamente combatem. Pela via da simplificação demagógica, teatralizam posições e influem sobre as massas, usando a confrontação do “bem” contra o “mal”. No caso, “esquerda” e “direita”, “trabalhadores” e “elites”, “ricos” e “pobres”. O objetivo é, tão somente, ganhar eleições, chegar ao poder.

A confusão das máscaras que usam sobre o rosto não é pequena. Acabam dele fazendo um outro, que não é o seu. Parodiando a poeta, podemos dizer: são todos marionetes de suas ambições, atadas por um mesmo cordão motivacional.<sup>3</sup>

Seu comportamento sugere um trocadilho de tipo italiano. A esquerda atual, principalmente no Brasil, é mistura “sinistra” de honestidade e perversão. Com a influência política das brigadas sindicalistas, esse tipo de oportunismo populista substituiu o rumo histórico do movimento sindical.

Em fins do século XIX, o sindicalismo surgiu como importante movimento de organização do proletariado, nas sociedades inglesa e norte-americana. Mesmo sofrendo os golpes da perseguição policial e os espancamentos por esbirros contratados, mesmo com suas lideranças demitidas e incluídas em “listas negras” para que ficassem desempregadas, o sindicalismo expandiu-se.<sup>4</sup> Eram ativistas obstinados na luta contra o poder econômico discricionário, poder legitimado pelo dogma do “mercado livre”. A despeito de tudo, o processo da negociação em bloco acabou vitorioso. A partir de então, houve avanços crescentes na legislação social.

Notemos, sua vitória não foi a demolição do sistema. Foi sua reforma. Venceram ao eliminar os excessos impostos pelo que havia à época, isto é, o tipo de ação dos interesses do “capital” na organização disciplinada do “trabalho”.

Modernamente, a inflexão “populista” do processo resultou do anteriormente referido desvio do olhar ativista, das reformas sociais para os cofres públicos e os negócios do Estado. O sindicato segue mantendo suas funções originais, é certo, mas a elas agrega um espaço estratégico para espertalhões com forte talento demagógico, iniciarem sua “carreira” política.

A obsessão dominante desses tipos, quase todos egressos das camadas mais baixas da sociedade, com a maioria semianalfabeta, nunca foi mudar a dinâmica da estrutura produtiva de modo que melhorasse a condição do proletário. “Usam” o desgosto das massas desprotegidas como instrumento útil para ganhar posições de poder e ingressar nas faixas de alto consumo. A resultante tem sido o aumento da renda pessoal por parte desses ex-sindicalistas. Sabem esconder, sob a retórica da justiça social, o que realmente almejam na vida, ingressando sem muita espera no quadro das “zelite” (*sic*) nacionais e internacionais, abrindo, para si e sua família, áreas privilegiadas de convivência e influência social.

Por outro lado, verifica-se curioso fenômeno de simbiose nesse mundo pragmático que é o da política. Muitos quadros sociais do empresariado ajustam-se ao novo sistema, adotando manobras de cooptação astuta. Abrem os braços, talvez até ironicamente, para negócios em comum, recebendo em seus salões os novos milionários do dinheiro fácil e do poder corrompido. Aproveitam a ética deteriorada para ganhar contratos de um Estado sob o comando

dos “aparelhos partidários”, com gordos sobrepreços. E passam a defendê-los politicamente.

É, sem dúvida, um sistema novo. Seus elos são fortes. E sua derrocada final completamente imprevisível. Podem ter chegado para ficar, devido ao uso perverso que fazem da dinâmica democrática.

Dentro desse jogo de confusões enganosas, o que é realmente ser “de esquerda” e “de direita”? Fica difícil a distinção, pois a realidade torna-se massa pastosa de interesses comuns na qual o “centro” não está em parte alguma. Pertence aos quadros que ocupam, temporariamente, o poder do Estado, movendo-se para cá e para lá, entre negociações, ajustes, vacilações e concessões. É só ler as notícias da imprensa diária para ver o cenário ético em que nos movemos.

Em tais circunstâncias, parece quase uma heresia, usar a figura e as ideias de um asceta moral, um pensador honesto como Antonio Gramsci, para justificar uma luta que só tem de revolucionária a retórica de massas.

Portanto, sugiro separar o nome e a obra desse idealista que foi Gramsci dos disparates no comportamento das lideranças políticas que vão assumindo o poder, em vários países do mundo, sobretudo em países da América Latina, com o Brasil em posição de destaque. Disparates que, ao que tudo indica, intelectuais responsáveis dessa esquerda já cometeram, como se pode ver no pedido de *impeachment* que um dos fundadores do partido governante, o PT, formulou ante o Congresso Nacional. O assunto foi tema dos jornais em todo o mês de outubro de 2015.

Não obstante, há nexos demagógicamente proclamados de segmentos dessa “esquerda sinistra” com Gramsci. Convém tentar defini-los,

cuidando de mostrar até onde chega o *gran teatro de la vida*, usando a expressão de Calderón de la Barca, em um de seus mais conhecidos autos sacramentais.

Parecem ser *três* os precários elementos de encontro entre o pensador que se foi e os ativistas que insistem em agir como se estivessem seguindo a doutrina por ele formulada. Alguns tentam a teatralização manifesta, com o punho fechado para o alto, ameaçando a guerra civil, como bons “guerreiros do povo brasileiro”. O primeiro elemento é a tática de escalada ao poder político, neutralizando resistências pelo uso astuto dos meios da propaganda moderna. Valem todas as falsidades e deformações dos fatos, inclusive concessões de ressonâncias cristãs, no estilo “paz e amor”. O segundo é, uma vez logrado o poder, tratar de consolidá-lo e perpetuá-lo, por meio do já referido “aparelhamento” do Estado, preenchendo sua estrutura funcional com os quadros do partido. O terceiro é manter a utopia cara aos marxistas, de ter como alvo, por intermédio do partido, a derrubada do sistema de organização capitalista da economia em favor do socialismo e da chamada “ditadura do proletariado”.

São esses, a nosso ver, os “elementos retóricos” de convergência, se nos é facultado usar esse conceito, entre o Mestre e seus discípulos.

## II

Como bom seguidor de Marx e, sobretudo, de Lenin, Gramsci manteve a “ditadura do proletariado” como o objetivo final de sua utopia política. E esse ponto valeu-lhe a reverência da esquerda ativa. A diferença foi de método, como veremos adiante, com Gramsci procurando ajustar-se às circunstâncias de seu tempo.

Intelectual pobre e sofrido, tendo pago o preço da própria vida por lealdade a seus ideais, Gramsci jamais pensou em usar a “esquerda” para ser proprietário de coberturas deslumbrantes, frequentar banquetes de milionários, tomar vinhos clássicos franceses, vestir ternos sob medida, usando camisas e gravatas de *griffe* em sucessivas viagens “cinco estrelas”!

Devido ao evidente conteúdo utópico das posições que sempre defendeu, tem sido filosófica e sociologicamente contestado. Jamais será possível, no entanto, negar sua seriedade.

O ceticismo amargo do homem em relação ao homem, tema clássico da filosofia, pode sorrir, com certa piedade, dos que, como ele, aderem a utopias. Mas é indevido e injusto usar a honestidade do crente, sem macular seu nome e sua memória.

Nossa posição é, portanto, respeitosa. Qualquer crente no Absoluto é digno de respeito, se sincera for a sua crença.

Gramsci nasceu em 1891, de família pobre, em Alles, pequena aldeia da província de Cagliari, na Sardenha. Passou sua infância em outra pequena aldeia, a de Ghilarza, para onde seu pai acabou se mudando, em função do emprego.<sup>5</sup>

Fez-se homem, portanto, em ambiente rural, provinciano. Tardou a conhecer algo do mundo “amplo e alheio”, porque tinha sua vida de jovem limitada ao espaço da pobre Sardenha natal.

Foi bem difícil para o menino Antonio Gramsci, o Nino, estudar. Não havia condições nem professores minimamente qualificados em sua região.

Aos dez anos, a vida se lhe complicou ainda mais. O pai foi preso, por evidentes razões políticas, e na prisão permaneceu por alguns anos. À mãe coube o pesado encargo de cuidar da família, sem recursos estáveis. O pequeno Nino teve de interromper seus modestos estudos primários e trabalhar, por alguns anos, com o irmão mais velho, cerca de dez horas por dia. E o fez com gosto. Sentiu-se moralmente forçado a colaborar com sua mãe e irmãs que costuravam e usavam de outros expedientes honestos para manter a família. Traço positivo de caráter que não pode deixar de nos causar forte impressão.

Não obstante, quando do retorno de seu pai, aos trancos e barrancos Gramsci logrou terminar os estudos primários. A família sempre o apoiou, não poupando sacrifícios. Desta pequena aldeia, saiu para cursar o ginásio em outra aldeia vizinha. Ghilarza não tinha ginásio. Só na aldeia vizinha, Santu Lussurgiu, fincada no alto das montanhas, a 18 quilômetros de distância. Impossível ir e voltar no mesmo dia. Ao deixar Ghilarza, portanto, foi o menino obrigado a morar sozinho pela primeira vez. De acordo com suas posses, alugou quarto pequeno, de higiene precária. Tinha uns 17 anos. Foi uma experiência difícil, porque, pela primeira vez, deixava sua mãe e irmãos. Voltava para casa, descendo a montanha em lombo de mula, nos fins de semana, balançando para lá e para cá, torto e fraco como era. A invejável coesão familiar ante o destino tornou-se um dado essencial de sua psicologia. Ao contrário de outros ativistas famosos, Gramsci manteve pela família na qual nasceu, principalmente pela mãe, um amor terno, respeitoso e comovente.<sup>6</sup>

A família era extensa. Sete irmãos ao todo, para os pais sustentarem, vestirem, educarem e alimentarem. Por isso, sua infância foi complicada e, de certa forma, até trágica, porque ele não tinha boa saúde. Tendo caído de costas ao chão, do colo de uma camponesa, quando

garotinho, tornou-se um aleijão vivo. A queda comprometeu seu crescimento e deixou-o corcunda, embora ele tivesse um belo rosto, com cabelos abundantes e olhar sereno. Não passou, quando adulto, de um metro e cinquenta de altura. Compartilhou do mesmo destino de outros talentos mundiais, igualmente de crescimento comprometido por acidentes, como Toulouse-Lautrec, Georg Lichtenberg e Alexander Pope. Mas nenhum deles era político, para o qual o carisma é indispensável. E o rapazinho Nino era o próprio anticarisma.

Foi admitido direto nos estudos colegiais, indo pouco depois para a pequena cidade de Cagliari, a capital da província, para completar sua educação de base. Entrou numa turma mais avançada, devido ao nível de conhecimentos comprovados em exame.

Por ser fisicamente prejudicado, sempre esteve ausente de brincadeiras e jogos infantis e usou o tempo livre para ler e estudar. Foi sempre um leitor perseverante. Ajudado por memória quase fotográfica, acumulou cultura literária extensa e importante, como nos revelam seus *Cadernos do Cárcere*. Como resultado, aprendeu o manejo da palavra com bom uso da retórica, tornando-se um hábil dialético. Aproveitou esse talento nas conversas, demonstrando forte lógica expositiva, sinceridade, capacidade de persuasão e sólida organização mental. Sua voz o ajudava. Era clara e sonora. Foi ganhando respeito de colegas e professores.

Tornou-se amigo de um jovem pouco mais velho, mas já influente, Raffa Garzia, seu professor em Cagliari. Impressionado com o talento do rapaz, o professor orientou-o no jornalismo de província, aproveitou-o como redator do jornal nacionalista sardo, que estava sob sua direção. Neste periódico, Gramsci revelou sua excelência como escritor, crítico e polemista. Mais adiante, já em Turim, como

universitário, essa qualidade tornou-o ainda mais respeitado, com sólida reputação de intelectual talentoso, favorecendo sua aceitação entre ativistas e operários. Tornou-se convincente articulador de pequenos grupos de seguidores. Impunha-se pelo saber, pela sutileza e pela lógica dos conhecimentos.

### III

#### Qual o trajeto de Gramsci, até chegar ao socialismo?

A Sardenha, sua origem, pertencia ao chamado Mezzogiorno, expressão com a qual os italianos do continente batizavam as ilhas e o Sul. Era parte da região subdesenvolvida da Itália. Seus habitantes sofriam severo preconceito do Norte próspero, a parte industrial, que os considerava uns retardados, inferiores e culpados pela pobreza. Para o continente, os sardos eram uma raça inferior, formada por indolentes e incapazes.<sup>7</sup> Essa suposta inferioridade seria a causa de uma ilha rica de minérios e condições viver pobremente de queijos, pesca, agricultura de subsistência e minérios exportados pela ação de capitais externos.

A riqueza mineral abundante de nada servia aos sardos. Por falta de competência empresarial, imaginavam os críticos, essa riqueza tinha de ser explorada por capitais externos. De fato, era explorada por capitais do continente, associados a belgas e franceses.

Não havia alternativas de trabalho fora do que essa pífia estrutura econômica oferecia. Os poucos empregos públicos eram dominados vorazmente pela elite local, ficando a massa do povo, humilde e passiva, reduzida a uma vida miserável, numa rotina que se perpetuava através dos tempos, com o futuro completamente fechado.

Gramsci jamais se conformou com a situação, nem aceitou as “explicações” de rotina.

O que percebia na realidade eram relações de poder desequilibradas, criadas pela dinâmica do isolamento e a astúcia de espertalhões locais, em conluio com o continente, mantendo, na ausência completa de possibilidades educacionais, a rotina que lhes interessava. Por essa razão, Gramsci via os continentais italianos como um bando de exploradores. Sua consciência em favor dos oprimidos aprofundou-se.

Foi mais adiante que veio a perceber que a causa de tudo não era os continentais, mas, sim, o próprio sistema econômico, com um tipo de capitalismo orientado para a exportação. Gramsci percebia o manejo de quem controlava o sistema, com sua dinâmica indiferente à miséria sobre a qual se apoiava. Observando as condições de mão de obra abundante, disponível, isolada e sem meios de defesa, ficou bem claro para Gramsci que o “mercado livre” era mera ficção. Na dinâmica exploratória do sistema, encontrava-se o verdadeiro vilão da Sardenha. Se o mercado era “livre”, só o era para os poderosos.

Foi nesse percurso psicológico e emotivo que nele se desenvolveu o forte preconceito anticapitalista. Se a ele adicionarmos sua nativa consciência nacionalista sarda, vamos entendê-lo em sua revolta e em suas ações.

O que presenciava no seu entorno foi-lhe decisivo para moldar suas posições. Ofendia sua consciência ética. Era algo espantoso. Gramsci não se conformou com as relações de trabalho impostas nas minas. O tratamento dado aos mineiros, trabalhadores presos a uma rotina perigosa para tentar sobreviver, o deixava indignado.

Trabalhando quase 16 horas por dia, com salários de fome, morrendo em média três ou quatro anos depois de iniciar a vida no fundo da terra, respirando o ar contaminado das galerias subterrâneas, ainda eram forçados, pela distância do campo onde estavam as minas, a se abastecer de tudo, principalmente comida, nas cantinas da companhia, pagando preços escorchantes. Viviam endividados, nas mãos do patrão. Conformados e fatalistas, sua passividade deixava o jovem Gramsci sem resposta.

Acabou por entender essa marca psicológica como a do ser socialmente dominado. Eles não protestavam por medo. Medo de perder o único emprego possível naquela Sardenha miserável.

Completados os estudos básicos, Gramsci, com 20 anos de idade, logrou, de Cagliari, uma bolsa de estudos para a Universidade de Turim, reservada para talentosos estudantes pobres. Essa seria a única chance de poder completar sua educação.

Pela primeira vez, deixava o ambiente provinciano. Chegava a uma grande metrópole, esse pequeno aleijado sardo, que necessitava do apoio do irmão para sobreviver e do auxílio adicional do pai distante, pois Gramsci não tinha como pagar casa e comida com a pequena bolsa que recebeu.

Não era ainda um socialista assumido, mas, sim, um simpatizante decidido das ideias socialistas. Tivera acesso a Marx, quando ainda bem jovem, por intermédio de ativistas como Giuseppe Cavallera, que agia e propagava a doutrina socialista entre os mineiros da sua região.<sup>8</sup> Entretanto, nas condições intelectuais da Sardenha, era bem difícil grandes avanços em seus estudos de Marx.

Com o tempo e no novo ambiente, foi ordenando seu pensamento. Pouco a pouco, com professores que o ajudaram, leituras adicionais obsessivas e conversas com grupos de colegas, logrou dominar a essência do marxismo. Foi-se firmando como intelectual de esquerda. Sua visão do sistema capitalista, tal como analisado no *Das Kapital*, foi definitivamente consolidada. Para Gramsci, reafirmando o que vira na Sardenha, tratava-se de sistema opressor, que prosperava à custa da fraqueza social de uma classe carente de tudo, para garantir e aumentar lucros pessoais, sob a proteção do Estado controlado pela oligarquia burguesa.

Turim era das maiores cidades industriais da Itália. Gramsci respirou sua atmosfera, testemunhou greves, repressões, conversou com operários, uniu-se a grupos, vivendo o momento da guerra e do pós-guerra de 1914.

Com seus novos colegas, todos jovens na casa dos 20 anos, como o socialista Tasca, com quem dividiu residência, o agitador Terramini e o inteligente Togliatti, futuro líder comunista italiano, envolveu-se com proletários, leu e discutiu Marx, escreveu em pequenos jornais como *Il Grado* e *Avanti*, tentando criar um outro, o *Città Futura*, que, por dificuldades de financiamento, ficou no número inicial.

Seu desejo confesso era agitar as ideias socialistas; queria atuar diretamente. Agir. Por isso, meteu-se na greve dos operários da Fiat já a partir de 1913. E, daí em diante, consolidou-se como líder, teórico e ativista da esquerda turinesa. Nessa linha teórica, começou a conceber, mais adiante, lá pelos fins da guerra, com base na experiência de Lenin, a ideia dos “conselhos de fábrica”.

Foi no auge de um, dos muitos protestos que se sucediam em Turim, já no chamado *biennio rosso* de 1919-1920, que Gramsci convenceu

os grevistas a dar um passo mais audacioso, “ocupando as fábricas”, assumindo a responsabilidade funcional de seu controle, portanto, “expropriando os expropriadores”.

Naqueles anos turbulentos, com a Alemanha derrotada sob pressão do socialismo autoritário de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, ambos dirigentes da revolucionária Liga Spartacus, a Europa Central agitada, tendo, a Hungria, assumido o governo comunista de Bela Kun e, na União Soviética, o exército vermelho vencido a ofensiva final contra os “brancos”, o momento da tomada do poder parecia haver chegado. Afinal, os fatos mostravam que Lenin vencera, não no Ocidente desenvolvido, mas na Rússia dos mujiques. A “espera” pelo amadurecimento do socialismo, linha de Kautsky, por exemplo, era totalmente desnecessária na dinâmica da história. Contava a “ação”, a “vontade”. Tudo dependia de bem explorar oportunidades que surgiam uma vez só.

Ante todos esses acontecimentos, a ditadura do proletariado não parecia nenhuma miragem esquisita. Ao contrário, era a realidade viável e próxima. Em Turim, chegara o momento de se “ocuparem as fábricas”! Desde que fossem movimentos bem organizados.

Nada se poderia esperar da atividade espontânea das massas, a não ser balbúrdia, destruições, revanchismos sádicos e desastres sociais.

A história revelava ser este o destino da ausência de comando unificado. Por isso, caberiam ao partido, somente ao partido, tarefas decisivas, agindo por delegação ideológica, em nome do proletariado.

Nesse clima, os operários de Turim demitiram a gerência e, organizando comissões de fábrica, formadas pelos próprios operários, tentaram dirigi-las.

Para Gramsci era a glória. Um exemplo a ser seguido por todo o proletariado italiano.

Durou pouco, algo em torno de dois meses. A reação não se fez esperar, provocando o triste choque da realidade. Em primeiro lugar, pelo isolamento. Nem mesmo em Turim a massa operária aderiu. Outras fábricas não se uniram. Em segundo lugar, a reação do poder político foi imediata. Pela ação da polícia, a autoridade oficial agiu de modo decisivo. Em terceiro lugar, a produção foi sabotada. Não entrou nas redes de distribuição, controladas por outras organizações capitalistas ligadas ao comércio. A estocagem foi seu destino. Não encontrou compradores.

Mas o pior foi o lado interno da equação produtiva. Para realizá-la, faltou tudo ao comando das fábricas. Faltou conhecimento técnico, fazendo a produção cair pela metade. Sem chefia bem estruturada, não se evitaram quebras e desperdícios. Mais ainda. Para operar o sistema, faltou ligação comercial, faltou domínio de funções diversificadas, faltou sustentar a cadeia de compras para a necessária reposição de peças e matérias-primas e faltou garantir, com créditos bancários, o fluxo de caixa.

Em suma, faltou justamente o que os capitalistas, donos das empresas e seus gerentes profissionais, realizavam no dia a dia de sua vida funcional. O proletariado demonstrava seus limites de formação técnica.

O movimento foi liquidado, e os operários voltaram normalmente ao trabalho depois de alguns acertos e prisões.

Em função do desastre, era até previsível uma autocrítica de Gramsci.

Não ocorreu. Gramsci negou-se a abrir mão de sua utopia. Para justificar o ocorrido, buscou explicações que nada explicaram. Mais adiante,

em 1924, ao se referir ao episódio, escreveu: “Fomos derrotados porque a maioria do proletariado nos entendeu mal e, por isso, não veio conosco. Não soubemos traduzir em linguagem compreensível a todo operário e camponês italiano o significado de cada um dos acontecimentos italianos dos anos 1919 e 1920”.<sup>9</sup>

Ou seja, em sua ótica, tudo afinal se deveria a um mal-entendido! Apenas um “mal-entendido”!

O equívoco era evidente. Mas, a despeito da evidência, Gramsci não só o transformou em desculpa aceita, senão também insistiu nesse equívoco ainda por muito tempo. Talvez por toda a vida, porque, apesar de suas reflexões corretivas, quando, mais adiante, foi aprisionado, jamais abandonou a tese utópica da ditadura do proletariado.

#### IV

Ponto enigmático é conciliar seu imenso talento crítico com todas essas lições da realidade. Correções de método não são suficientes. Admitimos, no entanto, para um crente, ser bem complicado ajustar as evidências entre o que defende e o que a realidade aceita. Não é caso de desonestidade intelectual. Tudo indica o oposto. Viver para o futuro comunista, concebido como viável, era o que importava.

Bem sabemos que, para qualquer utopista, o futuro previsto é o que justifica o presente vivido. A esperança não pode ser abandonada, sem levar com esse abandono, o sentido dos dias que se vivem e o sonho que se constrói a partir dele.<sup>10</sup>

Por tudo isso, mesmo ante a evidência histórica objetiva de ser a ocupação das fábricas, preâmbulo da ditadura do proletariado, nada

mais que um sonho técnica e economicamente impossível, Gramsci, um estudioso da história, jamais retirou do fato as consequências corretivas. Nem mesmo no cárcere. Sua integridade não permitia que o fizesse, sem perder, com isso, o sentido da vida. Foi o que fez Marx também, ante fracassos claros, como os de 1848 e da Comuna de 1870. A única agravante, contra Gramsci, era a época.

Marx vivera e agira na aurora do capitalismo corporativo, início de uma tecnologia industrial tosca, de reduzidas exigências quanto à qualificação técnica do proletário. Predominava a massa de trabalho simples explorada no chamado chão de fábrica. Gramsci teve sua vida ativa numa idade de expansão e afirmação das forças produtivas, na era do capital anônimo que estimulava a ciência e a tecnologia, multiplicando inventos que exigiam novas especializações em suas linhas de produção. Eram outros os tempos, inclusive em termos de segmentos especializados do trabalho.

Obviamente, qualquer ser medianamente realista perceberia a verdade que Gramsci se esforçou por negar, a ponto de considerar um problema de má comunicação o que na verdade pertencia à estrutura da divisão do trabalho social.

O proletariado, como força dirigente, era, obviamente, uma crença sem base real, razão pela qual muitos sustentam o caráter religioso do marxismo.<sup>11</sup> Não tinha condições educativas, técnicas ou organizacionais de assumir o comando de um mundo empresarial complexo, muito menos do Estado que se agigantava. Mas a miragem sustentada pela utopia o tornava incapaz de retirar, desse “óbvio ululante”, suas consequências práticas. Por isso, manteve-se, por toda a vida, fiel à crença de ser o caminho da humanidade entregar o poder ao proletariado. No comunismo, como Marx já indicara, estaria o fim da história.

Pior ainda foi sua ingenuidade em relação à condição humana. Como outros revolucionários de sua estirpe intelectual, também ele imaginou um Partido Proletário coeso em seus objetivos, na luta firme pela revolução e para a revolução.

A suposta unidade coesiva, de grupos reunidos em torno de um ideal, marchando a mesma marcha, na cadência do mesmo embalo motivador, é delírio dos puros. Jamais se viu tal fenômeno. É só ler um pouco da antropologia cultural, nos seus tempos de ciência bem desenvolvida, para ver que sempre houve dissidentes, divergências, indisciplina social e desvios de conduta. Sempre houve “crime e castigo”, mesmo em culturas ágrafas. Não há padrão ideal que imponha por si mesmo linha idêntica de conduta e motivação. Impossível eliminar o talento criativo e crítico. Da mesma forma, é impossível colocá-lo em uma camisa de força ideológica. O homem é e sempre foi polimorfo quanto a modulações psicológicas e éticas.

No caso das sociedades complexas, mais difícil ainda torna-se a pretendida homogeneidade. Conflitos e dissidências são inevitáveis, principalmente quando se trata de organizar um partido político. Os exemplos são repetitivos. Desabam sobre nós em cascatas de fatos.

Até mesmo onde não deve haver disputas, como no espaço espiritual preenchido pelo culto ao sagrado, elas existem e sempre existiram. A luta travada, por séculos, sobre a divindade de Cristo e a virgindade de Maria, dividiu os cristãos em grupos antagônicos e raivosos em suas divergências internas. Tendências gnósticas, consideradas heréticas se atropelaram, umas sobre as outras, no tumulto dos séculos, chegando, em alguns casos, a lutas sangrentas, torturas institucionais, com a tragédia das chamas envolvendo corpos humanos até a morte. Se assim é no terreno do sagrado, imaginemos no espaço das ações, dos interesses e pensamentos relacionados à política.

Parece válido concluir ser o fenômeno da divergência inevitável, já que os homens, pelo menos “ainda”, não se tornaram robôs manipuláveis por controle remoto.

O socialismo também não escapou da mesma sina da condição humana. Foi-lhe impossível manter qualquer unidade entre as muitas tentadas, desde as lutas de Marx na Primeira Internacional contra divergentes, para se chegar ao nível macabro do período stalinista. Nesses anos de expurgos dos dissidentes, matança e perseguições de rivais, a unidade desejada mostrou-se uma quimera trágica.

Gramsci não aceitou essa verdade. Supor um partido proletário unido era, e continuou a ser para ele, a única forma de tornar o socialismo possível, na defesa do proletariado. Por esse motivo, jamais abriu mão dessa visão de uma concórdia a ser lograda pela ação do “Partido”.

## V

Em outras palavras, no confronto entre a utopia e a realidade, preferiu a utopia, o que, para um pensador lógico e seguro, que se baseia em fatos, torna-se inaceitável. Mas Antonio Gramsci mostrou-se coerente com sua visão de mundo.

No fundo, para qualquer intelectual sensível às verdades sociológicas, não era apenas a carência de conhecimentos específicos o que fixava o proletariado no desempenho de certas funções dentro do sistema fabril. Era o fato de essa carência ser, por ironia, um elemento funcional básico para organizar a divisão social do trabalho.

Nenhuma economia funciona sem o agricultor do arado manual ou mecânico, sem o movimentador da cadeia de produção, o profissional do lixo, da instalação de partes nas construções de prédios, pontes

e viadutos, o escavador de minas, o limpador do esgoto, o operador de máquinas. Reconhecer essa dependência do trabalho de base foi o que levou Marx a “reduzir” o conceito de trabalho ao esforço físico, no primeiro volume de *O Capital*. E o inspirou a economia clássica, que vai de Adam Smith a Ricardo. Esta, no entanto é parte da verdade total, pois, vimos em outro texto, bem pior funcionaria sem a ciência, a tecnologia, a gerência profissional, além da ação dos líderes públicos e privados, cuja tarefa e sabedoria específica se concentra na concepção e organização das instituições.<sup>12</sup>

Em outras palavras, o chamado “salto do ser” é inviável neste caso. Os responsáveis pelo nível básico e físico do trabalho têm um perfil ajustado a essas condições. Se passarem para outro nível sem a necessária adaptação, o fato levaria a desastres funcionais. Mais ainda. Sem largo preparo e extensa formação intelectual, jamais poderiam tornar-se cientistas sociais, como o provaram ex-proletários, como Proudhon e Wilhelm Weitling. Muitíssimo menos poderiam exercer atividades técnicas de projetistas, engenheiros, tecnólogos, gerentes de empresas e executivos do Estado.

Em outras palavras, o proletário é proletário porque egresso de massas rurais socialmente limitadas e sem qualquer sofisticação educacional. Decerto que ele exerce funções sociais estratégicas e necessárias, mas elas são simples, basicamente de esforço físico, ligadas à rotina do chamado chão de fábrica ou dos serviços básicos anteriormente referidos.

Ninguém “é” proletário ou “nasce” limpador de esgoto; torna-se um e outro, em função de carências educacionais, condições de vida e as necessidades do sistema fabril, no mecanismo da vida urbana, dentro do processo de divisão do trabalho social. Nessa divisão, está implícita uma hierarquização de funções, cada qual exigindo propensões vocacionais, conhecimentos e condições específicas.

Imaginemos um exemplo qualquer, mas capaz de ilustrar o que se afirma: ante uma necessidade emergente, com a saída repentina de um operário, nenhuma gerência fabril, no século XIX, ainda o do trabalho simples, recrutaria um sofisticado e genial artista para mover as pás de carvão, abastecendo as fornalhas. Seguramente, um tipo assim não resistiria a mover uma única pá! Muito menos essa mesma autoridade consideraria transferir o operário, agora liberado de sua carga física, para um espaço cultural específico, onde se dedicaria a realizar seu potencial humano reprimido, compondo sonatas para piano, escrevendo crítica, ou pintando telas magníficas.

Exemplo risível? Certamente. Mas foi o que Marx propôs na *Ideologia Alemã*, quando nos indicou ser a divisão do trabalho fenômeno burguês. No comunismo, seria abolido, liberando-se o homem de qualquer laço social *exclusivo* com o trabalho fabril, podendo, se o desejasse, ler, ser crítico e compor poemas em suas horas livres!<sup>13</sup>

Não obstante, nenhum artista ou cientista, por serem refinados, fisicamente débeis e dedicados a atividades que nada, absolutamente, tem a ver com a produção de bens ou a realização de serviços básicos, podem ser considerados nulidades sociais, a viver, parasitariamente, da mais-valia.

O exemplo da imprecisão reducionista do conceito de trabalho produtivo é, talvez, mais claro ainda no caso do “professor”. Sendo função responsável pela corrente de transmissão dos conhecimentos sociais adquiridos, nada, absolutamente nada, “produz”. No conjunto, vive do agregado social da mais-valia. Mas, sem eles, não há sociedade! Porque não pode haver ciência nem tecnologia, nem arte, nem coisa alguma, sem transmissão sistemática do saber acumulado. Sem esse tipo de *techné*, não haveria como preparar os que concebem e produ-

zem as máquinas que o proletário move, os canos de esgoto a serem limpos nem mesmo o imenso sistema industrial que os gera e absorve.

Concluindo, sem enxada no campo não há comida na mesa. Mas sem reflexão e culto da inteligência não há sequer “mesa”. Ainda estaríamos a devorar a caça, como fazem os carnívoros naturais. Por tudo isso, é absurdamente impreciso reduzir ao proletário o conceito de trabalho produtivo. Como já vimos este ponto no texto aqui já referido, nos dispensamos de alongar os argumentos.

Basta fechar com a conclusão óbvia: somos todos “trabalhadores”, cada qual em sua esfera e de acordo com a sua vocação, no cumprimento de funções sociais indispensáveis. Desse esforço comum e coordenado pela divisão social do trabalho coletivo, funciona o Todo, organizando-se a grande saga da cultura humana.

Foi a tentativa de subverter essa verdade sociológica que levou ao desastre de 1919.

Gramsci seguramente percebeu, embora difusamente, esse ponto fraco da ditadura do proletariado. Para corrigi-lo, adotou um sucedâneo: a cooptação de “intelectuais revolucionários”, agindo “em nome” do proletariado. Tese que, na verdade, vem desde Marx e Engels.

Sem embargo, continuou fiel à sua defesa do Estado Proletário. O segmento social da intelectualidade, teria, neste caso, a função surrealista de correia de transmissão do processo. Seu papel seria viabilizar o *grand finale* histórico de toda a luta, a ascensão ao poder do proletariado, a “ditadura do proletário”, dominando todas as estâncias do poder econômico social. Daí, o termo escolhido, “ditadura”.

Aos intelectuais competiria, portanto, liderar o estágio inicial, elaborando uma nova pedagogia.

Entre nós, no Brasil, o tema foi transformado em prática pela inflexão para a esquerda de boa parte do ensino de história e sociologia realizado por ativistas, tanto no colegial, quanto, principalmente, na universidade. Sem descuidar, evidentemente, do processo de alfabetização. O chamado “método Paulo Freire” é puro Gramsci, como já vimos no referido texto anterior.

Seria essa a tarefa primordial do que veio a chamar de “hegemonia”. Por isso, não é equivocado definir hegemonia como “pedagogia” revolucionária.

Não se percebeu o tamanho do absurdo. Sociologicamente, um proletário, ou, mais realisticamente, o filho de um proletário, que cursa uma universidade para ser apto a ocupar o poder, tornando-se professor, executivo, engenheiro de uma empresa, cientista, ou dirigente estatal, *deixa de ser proletário!* Os exemplos de Proudhon e Weitling aqui mencionados falam por si. Passando a transitar em outros grupos sociais e a exercer outras funções ligadas ao pensamento crítico, mudam de classe. Saem da linha de montagem e passam a ser parte da classe média funcional!

Por tudo isso, o calcanhar de Aquiles sociológico da esquerda marxista se revela: se não poderia haver “governo proletário” algum sem a ciência e a tecnologia, que garantem as transformações da sociedade industrial bem como dos quadros técnicos que se ocupam da gerência do sistema, e se, com este tipo de preparo, o homem deixa de ser proletário, como ficamos, em termos de ditadura do proletariado e de revolução social?

Não seria bem mais lógico defender o acesso ao poder de um grupo sociocultural com sensibilidade para usar a dinâmica da economia e o poder do Estado no sentido de corrigir e melhorar o sistema que

define as relações de produção atuais? É exatamente o que sugerem reformistas, como Stiglitz e Piketty, anteriormente referidos, bem como teóricos de um capitalismo regulamentado, como ocorre em alguns países do norte da Europa.

Será o “reformismo” tão desajustado e fora de propósito, a ponto de ser considerado pela esquerda um disfarce da “reação”? Pois bem, de “reformismo” se fez a história dos avanços sociais desses últimos três séculos! Ou alguém considera que o capitalismo de hoje, nos seus baluartes mais legítimos, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Japão, ainda caminha no mesmo diapasão social repressivo e abusivo que caracterizava o feudalismo japonês ou o capitalismo ocidental nos tempos de Marx? A resposta só poderia ser: “não é o mesmo capitalismo”, nem sequer o mesmo sistema econômico social.

Então, como ficamos? Como não houve nenhuma revolução socialista nesses países, a única conclusão viável é haver sido o sistema transformado, pouco a pouco, por sua própria dinâmica.

Absorvendo contingentes cada vez maiores de elementos egressos da classe média, alterou-se o perfil sociológico das empresas em função dos novos processos produtivos, bem como o caráter das relações sociais e do trabalho.<sup>14</sup>

É válido, portanto, continuar indagando por que essas questões não foram propostas por Gramsci.

Logo depois da falência do movimento da ocupação das fábricas, Gramsci organizou um jornal socialista, que acabou por se tornar o mais respeitado porta-voz do movimento, o *Ordine Nuovo*, do qual foi o diretor. Sua preocupação crítica e pedagógica se mantinha. Já se havia revelado um competente jornalista, dono de estilo irreverente e

lúcido. No novo jornal, anotava o que havia de disponível de Marx e sobre Marx. Mas o objetivo principal do *Ordine Nuovo* era comentar os fatos do dia, a política, as condições do operariado de Turim, as promessas do socialismo, os projetos de poder para a classe.

A despeito de todas as evidências sobre a utopia do conceito, Gramsci insistia, nas páginas do jornal, na tese da ditadura do proletariado, única fórmula capaz de consolidar o socialismo.

Talvez, por isso, por permanecer defendendo sua ditadura do proletariado através do ativismo das comissões de fábrica, Gramsci teve sua liderança reconhecida. Recebeu um convite do grupo leninista de Zinoviev para passar uns tempos na União Soviética. Lá ficou por quase dois anos, aprendeu russo e se casou. Seu retorno a Turim foi via Viena, onde fez novos contatos e conheceu mais gente do grupo socialista. Expandiu seus conhecimentos e tornou-se ainda mais conhecido.

Nessa época, em torno de 1923, Gramsci já amadurecera. Havia percebido as diferenças de cultura, de momento industrial, de condições, entre a Rússia e o Ocidente. Mas não mudara em sua essência. Não chegou jamais à crítica radical de si mesmo.

Um realista poderia contrapor: se essa é a *única fórmula*, melhor desistir de tudo!

Tornando a chamada ditadura do proletariado uma “ditadura de intelectuais”, egressos, por formação de vida, da chamada classe média, o fato teria de levá-lo, por simples questão de lógica elementar, a rever o sonho. Tratava-se, afinal, de um processo de “tomada de poder por intelectuais da esquerda. Ponto final”. Nada de proletários nisso, por incapacidade de realizá-lo.

Por outro lado, a ninguém ocorreu indagar como se daria a transição desses intelectuais no comando, para os proletários que iriam constituir a “ditadura do proletariado”. Eles teriam de abdicar da “pompa e circunstância” do poder para, de forma justa e gentil, entregar o comando do Estado e de todo o sistema econômico aos representantes do trabalho de chão de fábrica.

Como o fato é algo impensável, com inverossimilhança evidente por si mesma, nenhum teórico da esquerda, jamais pesquisou como tal milagre ocorreria.

Marx não se preocupou com isso. Muito menos a União Soviética de Stalin. Talvez num remoto “fim de mundo”, o da *Ideologia Alemã*, esses proletários preparados e cultos, sem jamais deixarem de ser proletários de chão de fábrica, possam ocupar o poder social efetivo, já que adicionam a seu saber técnico vários outros diversificados, entre os quais o de gerentes preparados, comandando o exército de cientistas e tecnólogos à sua disposição, nessa utopia da sociedade “sem classes”. Como Marx, por decreto, abole a divisão social do trabalho, fica fácil conceber a sociedade comunista como sociedade “sem classe”. Como? Não importa. A realidade é sempre perversa de aceitar. Melhor, bem melhor, a utopia, sempre agradável de formular.

Talvez tenha sido a insistência doutrinária de Gramsci a razão principal de manter o Partido Comunista italiano, quando assumiu sua direção, numa linha de preparação de quadros e não de atividade direta. Adiar *sine die* um novo movimento direto de ocupação de fábricas. Mudou um pouco. O que o faria entrar em choque com Tasca, Bordini, o criador do Partido Comunista italiano, e, finalmente Togliatti, seu colega e amigo.

Gramsci aceitou certas condições, fez parte do Parlamento, onde chegou a debater com Mussolini. Acabou preso pela polícia fascista no ano de 1926, quando o fascismo se consolidou definitivamente na Itália. Nunca mais pode retornar à liberdade.

## VII

Gramsci aproveitou seus anos de cárcere para refinar suas ideias quanto ao papel estratégico dos intelectuais. Este passou a ser o seu centro de referência.

Como a intelectualidade não chega a ser “uma classe social”, com seus componentes recrutados em várias classes, cunhou o conceito de “bloco histórico”. Pela pedagogia revolucionária, seria possível entender o mundo, para sermos capazes de agir sobre ele e transformá-lo.

Ao contrário de Marx, que escrevia para ser publicado, Gramsci, como prisioneiro do fascismo, ignorava o destino daqueles escritos. Poderia perfeitamente ser o lixo da prisão. Daí, decorre o mérito de sua vocação, de sua entrega à causa. Se nele prosseguiu, enquanto permitiu sua saúde, foi por considerar seu dever, como intelectual de esquerda, cultivar a esperança. Sua odisseia é um dos fatos que levam consigo o respeito de muitos a uma dedicação honesta.

O tempo passou, com Gramsci sem sair da prisão. Ao cárcere fascista chegou em 1926, e dele só saiu em 1937, para morrer.

Era um espectro de homem. Tuberculoso em último grau, completamente desdentado, macérrimo, mal podendo se pôr em pé. Não tinha como sobreviver aos maus-tratos sofridos. Foi liberado por ordem de Mussolini, apenas para morrer longe da prisão que habitara por

tanto tempo, em absurda reclusão. Ele e sua obra manuscrita caíram no esquecimento.

Seus textos, jogados uns sobre os outros em cadernos baratos, de papel amarelado, manuscritos, alguns rabiscados e com correções entre linhas, careciam de ordem.

Eram cadernos de baixo custo, adquiridos por amigos, como Piero Sraffa, e por sua cunhada e admiradora, Tatiana Schucht. Só foram reunidos depois de sua morte por iniciativa dessa cunhada e amiga. A partir daí, datados e ordenados, saíram, numa inversão pirandelliana, em busca de editor. Obra monumental.<sup>15</sup>

Nos seus 11 anos de cárcere, Gramsci escreveu cerca de duas mil páginas de correspondência e umas quatro mil de ensaios e reflexões. A parte principal de sua obra, os *Cadernos do Cárcere*, revelou um homem de cultura ampla, envolvente, digna dos mais sofisticados padrões europeus, conhecedor de arte, literatura, cinema, filosofia, história antiga, moderna e medieval, sociologia, economia e até dos modernos métodos administrativos norte-americanos. Por “americanismo”, entendia-se a ação individual empreendedora, à moda de Max Weber, autor que lia e comentava, além de analisar os princípios do fordismo, com influência no tipo de homem adequado a esse sistema de trabalho “em migalhas”.

É possível ver nessa atenção dada por Gramsci ao fordismo a ressonância de sua decepção com a sabedoria gerencial proletária para assumir o comando do processo produtivo. Daí, sua grande atenção, dada já desde o *Primeiro Caderno*, à função dos intelectuais.

Gramsci revelou-se, além de um pensador sofisticado, um filho predileto de Mnemósine, a musa dos gregos, protetora da memória. Carecendo de fontes de consulta, com o pouco que lhe chegava às mãos, passando pelo “pente fino” da censura carcerária, valia-se de seus conhecimentos acumulados.

A parte mais relevante ficou conhecida como *Cadernos do Cárcere* e foi publicada por gestão de Togliatti, que, num gesto de grandeza, julgou indispensável publicar a obra póstuma de seu colega, amigo e rival político. E usou seu prestígio para isso.

Entretanto, Gramsci tardou a ser conhecido de um público que, no imediato após II Guerra Mundial, no tumulto das tensões internacionais da época, não tinha muito interesse em sua imensa obra. Sua maior penetração deu-se apenas bem depois dos anos após o fim da II Guerra Mundial. O renascer de seu prestígio foi, portanto, processo demorado. Não será impreciso dizer que a década de 1970 foi testemunha desse renascer, consolidado na década de 1980 e definido na década 1990.

## VII

Foram cerca de trinta anos bem mais favoráveis a versões de crítica construtiva sobre a teoria do socialismo. O nazifascismo já se fora há tempos, e a crise da guerra fria colocava o confronto “capitalismo x socialismo” num patamar complicado. A inteligência ocidental já havia passado por muitas turbulências em função desse confronto ideológico, mas, na voragem das mudanças sociais, a mais complicada delas, a da década de 1960, já havia sido superada.

A década de 1960 foi a do Sputnik, primeiro satélite tripulado girando em volta da Terra, a da crise dos mísseis, o ponto mais próximo da guerra nuclear a que o mundo havia chegado. Desde logo, movimentos civis, protestos pela paz, pela justiça social, abalaram o Ocidente.

Ao final da década, explodem movimentos da massa universitária, na dramática agitação do que veio a ser conhecido como contracultura. Não se ouviu falar, em todo esse movimento, no nome de Antonio Gramsci. Era um ilustre desconhecido para a imensa maioria da esquerda.

Embora alguns de seus textos já estivessem publicados, como separata dos *Cadernos*, até mesmo no Brasil, entre os anos 1966 e 1968, por iniciativa de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho,<sup>16</sup> esses textos ficaram reduzidos à elite intelectual da esquerda. O que dominou a ação das massas nessa década turbulenta foram as certezas quanto à crise da cultura. Ideias de Herbert Marcuse, da Escola de Frankfurt, de Sartre, além de Louis Althusser. Era uma curiosa mistura de Freud, com pitadas de Buda e meditação oriental, aos quais se adicionavam doses maciças de um Marx filosófico. Os jovens são sempre capazes de proezas intelectuais que, às vezes, escapam à incompetência dos mais velhos.

Esgotado o interesse e o significado do movimento, levado tão a sério pela intelectualidade francesa, alemã e norte-americana, ficou apenas a certeza de que a sociedade, chamada de “pós-moderna”, abria uma nova era de incertezas e riscos.

O tempo avançou, como tem o mau hábito de o fazer. Resultado: oito ou dez anos depois da “primavera de 68”, a juventude envelheceu. Fenômeno constrangedor. A maioria constituiu família, integrou-se ao mercado do trabalho do sistema capitalista furiosamente criticado,

agora ainda mais denso e complexo, muitos transformando-se nos futuros executivos das grandes corporações que tanto condenaram no auge do movimento. Tudo porque a realidade tem o mau hábito de desmoralizar a utopia.

Os anos seguintes serviram para debilitar a musculatura da esquerda, reabilitar o neoliberalismo e atropelar o sentimento da década de 1960.

Os novos tempos revelavam, nas sociedades capitalistas do Ocidente, vigoroso aumento nos padrões de consumo. Foi um impulso para a expansão da classe média, da produtividade e da renda, tornando cada vez mais evidente o fosso que as separava das que haviam aderido ao capitalismo de Estado em que se transformara o socialismo. E nada as salvou.

A resposta do Partido Comunista chinês, reestruturando-se completamente no sentido de levar a sério as indicações do mercado, somada a essa crise fatal do socialismo, com a queda do Muro de Berlin em 1990, foram fatos decisivos. Toda a Europa Central, liberada do poder militar soviético, retornou ao modelo capitalista de organização da economia. O socialismo soviético revelou-se um disparate político e econômico.

Os acontecimentos, na verdade, foram devastadores para a esquerda. Um novo tipo de proposta teria de surgir, sob pena de a desorientação ideológica fragmentar o movimento, tornando-o uma farsa histórica de proporções lamentáveis. A esquerda perdera seu fio de prumo.

Mas também o capitalismo, na sua tendência neoliberal, pouco agregou à justiça social. A melhora no processo de distribuição da renda foi pífio e ineficaz, fato aqui já mencionado. As concentrações ostensivas e inviáveis da riqueza abriram um panorama de sarcasmo

em relação à miséria de multidões famintas. O contingente dos sem-teto, sem-terra, sem-emprego, sem-saúde, sem coisa alguma, a não ser o desespero das migrações constantes, aumentou de modo assustador. Algo muito errado ocorria. Havia espaço crítico para propor pensamentos divergentes.

Foi a partir dessa nova Era, beirando já o final do século, que a presença de Gramsci, nos debates da esquerda socialista, começou a se consolidar. Sua influência, nascente já há alguns anos, passou a crescer de modo exponencial. O que se via era um mundo que aumentava seus padrões de consumo e continuava a cultivar a miséria de bilhões. Foi esse o principal incentivo para que sua obra fosse consumida em massa pela esquerda intelectual, com suas novas formulações.

Assumindo como evidente a falência da profecia quanto ao necessário fim do capitalismo, Gramsci, desde meio século antes, já repelia a tese do empobrecimento crescente do proletariado. Quem empobrecia eram os desempregados e os grupos que viviam à margem do sistema. O proletariado, especialmente o técnico, cada vez mais em demanda, aumentava sua renda familiar de modo crescente. Uma nova aristocracia operária vinha sendo formada. Era evidente o fato de o capitalismo não haver evoluído nem reagido da forma como Marx indicara. Sem ação renovadora bem planejada, esse sistema tão odiado por ele poderia se manter.

Positivamente, para Gramsci, especialmente depois do fracasso do *biennio rosso*, o capitalismo não estava em seus estertores, mas, sim, no rumo de sua consolidação. Ampliava seu alcance para chegar às áreas periféricas, com as grandes empresas dominantes abrindo a propriedade do capital no mercado de ações. As corporações anônimas e a forma oligopolista de organizar a competição nacional e internacional

retiravam da dinâmica do mercado algo de sua característica irracional identificada por Marx. O capitalista individual, esse personagem de Dickens e Balzac, estava agora relegado a empresas médias e pequenas. O capitalismo corporativo, em expansão, levava à cooptação de elementos significativos da alta classe média, classe que passava a ser decisiva para sustentar o sistema com seus conhecimentos, além de manter o consumo com os aumentos de seu padrão de renda.

Foi inevitável a diminuição do radicalismo separatista entre classe proprietária dos bens de produção e classe proprietária apenas de sua força de trabalho, porque essa força de trabalho, numa economia aberta cada vez mais para o setor dos “serviços”, se diversificava, consolidando a nova classe média. Uma parte dela transformou-se na tecnocracia dominante. Passou a dirigir o “capital”.

Gramsci foi dos poucos socialistas que souberam antever essa realidade, muito antes das décadas de 1980 e 1990, quando ela se revelou evidente. Visto como profético, teve seu nome consolidado como um ícone da esquerda. Suas táticas para a conquista do poder por parte dos intelectuais de vanguarda foram incorporadas, já que “algo” teria de ser feito, para corrigir as distorções do projeto neoliberal dominante. A miséria de parte considerável das massas não absorvidas pela economia projetava sombras imensas nos rastros luminosos do sistema.

Um ponto parecia básico: ou se controlava o Estado, assumindo o comando do processo decisório, ou nada surgiria espontaneamente de uma possível crise do sistema.

O verdadeiro filósofo da práxis, nas lutas sociais modernas, foi, portanto, Antonio Gramsci.

## IX

É nesse contexto de reorganização doutrinária por parte de uma esquerda em crise, em face de um capitalismo dinâmico, em sua proposta neoliberal, que se torna possível entender melhor sua importância, como socialista e como autor. Esse até então obscuro pensador italiano assume papel de liderança. Complementa, *aggiorna* e até, para alguns, chega a substituir Marx.

A necessidade de um partido que pudesse conduzir o processo pedagógico, além de ativista, tornava-se imperativa. Partido que fosse de fato, um novo “príncipe” no sentido dado ao termo por Maquiavel. Coesivo, ético, exemplar, socialmente hegemônico e eficaz. Para chegar ao controle do Estado, imperativo cunhar novas estratégias, agir, formar quadros adequados para adotar uma longa “guerra de posição”, e não de “confronto direto”.

Sua obra, portanto, continha propostas bem mais viáveis de reorganização do movimento revolucionário. Elas deram novo alento à esquerda moderna, incluindo-se o setor brasileiro.

Na filosofia da práxis, tal como formulada por Gramsci, a ideologia não era vista como nenhum disfarce maldoso. Era a forma comum de pensar, a partir da linguagem aprendida. A tese, desenvolvida pouco de modo coetâneo pela sociologia do conhecimento, representava importante contribuição sobre a ontologia do ser social.

Foi justamente por perceber o verdadeiro papel da linguagem no processo educativo e como essa força poderia servir para criar fantasias e modelar a consciência crítica, que Gramsci passou a dar função estratégica à classe intelectual. Para ele, o homem sempre foi capaz de romper seus determinismos. Era um criador de si mesmo, por meio de sua ação e de seu imaginário.

Gramsci incorporou o genial florentino, Maquiavel. Daí a importância conferida ao desenvolvimento da consciência crítica entre os jovens. Na pedagogia, estava a gênese da vontade revolucionária.

No Brasil, foi no fim da década de 1960, como vimos anteriormente, que teve início, a conta-gotas, a curiosidade sobre esse autor. Os tradutores, Konder e Carlos Nelson Coutinho, fizeram cuidadosa e pedagógica introdução, informando sobre a vida e a importância de Gramsci. A curiosidade aumentou com a publicação de outras separatas.

As *Cartas do Cárcere*, por sua vez, foram publicadas pela editora Civilização Brasileira. A edição completa dos *Cadernos* demorou um pouco mais, já o vimos. Tornou-se viável, depois que os movimentos de distensão da década de 1980 começaram a viabilizar projetos desse tipo.

Foi, portanto, a partir dessa época, já no fim do século XX, que os intelectuais brasileiros passaram a ter acesso à edição completa dos *Cadernos*, antes lidos em francês ou no original italiano.

## X

Foram três os pilares geminados de sua teoria da revolução: o conceito de “revolução passiva”, o de “guerra de posições”, culminando no de “hegemonia”. Entre eles, devemos atentar para o importante conceito de “bloco histórico”, mais amplo e bem mais realista que o de “classe” para fins de transformação social. Os três se relacionam entre si, formando um conjunto teórico integrado.

Vejamos o primeiro, o de “revolução passiva”.

As revoltas de massa, tal como a história nos ensina, foram, no passado, reações espontâneas de fuga e desespero. Jamais visaram à reorganização racional da sociedade. Spartacus jamais pretendeu ocupar e transformar o poder romano, mas dele escapar. O fenômeno do protesto orientado por finalidade social é, por isso mesmo, de outro tipo. Mas só pode ser efetivado, em qualquer setor, até mesmo na religião, a partir da lenta infiltração de novas ideias, críticas e reflexões. O liberalismo inglês viabilizou-se como ideologia revolucionária, depois de um século de preparação filosófica, comandada desde Galileu, Descartes, Newton e Locke, todos intelectuais de classe média. E a mais famosa de todas, a Revolução Francesa, só se tornou viável depois que o movimento intelectual do chamado “iluminismo” ganhou o apoio da classe média francesa.<sup>17</sup>

É inexato, pois, reduzi-los a “movimentos de classe”. Na verdade, 1789 não foi o ano de nenhuma revolução “burguesa”, mas um ponto da história para o qual convergiram movimentos de crítica, renovação e protesto, que nasciam de um complexo “bloco histórico”, formado por atores com origem social diversa, envolvendo até aristocratas e clérigos. A classe que comanda o capital foi a mais beneficiada, mas não foi a origem do processo revolucionário.

Em suma, toda mudança revolucionária teve de ser precedida de um trabalho de crítica da realidade existente, propondo nova visão de mundo. E, no caso, não foram os burgueses os responsáveis por essa crítica e, sim, os intelectuais. Com a revolução proletária, o mesmo terá de ocorrer, segundo Gramsci. Terá de germinar de modo passivo, gradual, sensibilizando pouco a pouco outras classes sociais, formando seu “bloco histórico”, para ser viável. Percebemos que Gramsci discute táticas de acesso ao poder e não o necessário para gerir esse poder.

Vejamos agora o conceito de “guerra de posição”.

Para que haja penetração social da nova visão de mundo, no caso, a crítica ao capitalismo, é imperativo que os intelectuais “orgânicos” do partido abandonem a retórica do assalto direto, da guerra frontal. Essa tática teve êxito na Rússia tsarista. Ante as condições do capitalismo ocidental, necessário adotar a postura de uma “guerra de posição”.

Com isso, Gramsci se referia a uma ocupação gradativa e sistemática de setores de destaque na imprensa, na universidade, acima de tudo no próprio governo, para lograr algum êxito na mudança de percepção. Seria um trabalho de paciência e pedagogia revolucionária. Só será possível dominar, em nome da classe operária, as casamatas e, finalmente, assaltar as trincheiras da burguesia, depois de minar suas bases de sustentação por meio de debates, propaganda, manobras de contorno, envolvimento, ocupação de espaços estratégicos no poder do Estado e cooptação de novos grupos junto à classe média conservadora. Todo esse jogo será decisivo no conceito de “guerra de posição”.

Finalmente, a síntese de tudo, o conceito-chave, o de “hegemonia”.

Ele completa os dois conceitos anteriores, formando um todo integrado, que pode ser denominado a “teoria da práxis revolucionária em Gramsci”.

Embora sendo uma intuição antiga, na verdade, desde os tempos de jovem, o conceito de hegemonia inspirado no *Que Fazer?*, de Lenin, ganhou estatura teórica, definida nas reflexões dos *Cadernos*.

Gramsci rendeu homenagem a Lenin, mas, na verdade, é evidente seu afastamento em relação a esse líder do comunismo. Hegemonia, no sentido entendido por Gramsci, não seria relacionada à coerção

necessária a uma hierarquia legitimada, formando a ordem indispensável para se gerenciar um processo revolucionário. Teria sido o caso de Lenin, chamado pelo destino para ocupar, de repente, um papel diretivo crucial na revolução russa. Gramsci propõe sua antítese. Nada de coerção e, sim, de compreensão. Caberia ao partido organizar-se para realizar o trabalho pedagógico de instilar a nova *Weltanschauungen*.

Portanto, hegemonia seria a capacidade intelectual de, pedagogicamente, revelar os desmandos do capitalismo, sendo, por isso, pouco a pouco entendida como forma superior de crítica intelectual e moral. Para isso, teriam de ocupar, em guerra de posição, pontos estratégicos nas instituições-chave, além de aparelhar o Estado com simpatizantes e membros do partido, mas, acima de tudo, cooperar de modo direto e indireto para a consolidação e expansão do “bloco histórico”, criando atmosfera receptiva à revolução social.

Agilizar o imaginário da juventude, na direção da utopia igualitária, fenômeno sensível aos jovens, teria de ser o grande objetivo da *intelligentzia* gramsciana. Por isso, os agentes do processo e os líderes partidários teriam de assumir postura ética impecável para bem exercer sua função de liderança de um lado, e sua responsabilidade social de outro.

Hegemonia inclui, principalmente, o predomínio do interesse social sobre o pessoal, pondo em xeque a ética do capitalismo, estimuladora do lucro, do hedonismo, da coisificação do próximo, dos interesses egoístas e de ostentação, para facilitar negócios e receptividade social.

Sem a correta obediência a esses parâmetros, o conceito de hegemonia poderia ser confundido como fraude esperta para a ocupação de posições lucrativas, nova forma de aburguesamento e inserção na ética do capitalismo por parte de ressentidos sociais. Infelizmente

para o destino da esquerda, essa foi a resultante prática da obra de Gramsci no Brasil.

O que temos hoje é exemplo da condição humana, com a volúpia do enriquecimento ilícito, usando-se das facilidades do poder, na ostentação de seus privilégios. Formou-se uma “hegemonia” negativa. Hoje enfrentamos empresas públicas semidestruídas, as finanças do Estado desequilibradas, impedindo investimentos produtivos. O Brasil está com seu desenvolvimento estacionado. Sua herança é uma crise de desdobramento inimaginável. Como consequência, o bloco histórico jamais existiu de verdade e o que dele poderia restar desintegrou-se nesses últimos dez anos. Se Gramsci, este valente sofredor em defesa de seu ideal, pudesse ressuscitar no Brasil de hoje, certamente, entre explosões de nojo, escorraçaria do templo socialista os fariseus astutos, que falam em seu nome para desmoralizá-lo.

Talvez a culpa seja, afinal, apenas sua.

Não pode haver classe social divinizada. Somos todos vulneráveis a nossas paixões e reagimos, em grande parte, de acordo com os valores de nossa cultura. Diferenças existem, mas elas são marcadas pelo caráter e a origem social de certos tipos que assumem posição de poder, desprovidos de qualquer embasamento ético.

Agora, ante o irremediável de uma situação objetivamente criada, resta aos brasileiros de início do século XXI, como Beckett propôs, “esperar Godot”, isto é, em nosso caso, por algum milagre que eventualmente venha a ocorrer em termos de reação de massa.

Concluindo, Gramsci e sua utopia desacertam seus passos. Estão em desacordo com a realidade. A “ditadura do proletariado” é a ressurreição de um arquétipo. Transcodificação moderna de mitos antigos

sobre o retorno ao paraíso perdido.<sup>18</sup> A correção da realidade repele esse caminho. Sua ênfase é no paciente esforço crítico reformista.

No entanto, para não incidirmos na outra utopia, a tecnológica, necessário reconhecer a dificuldade em se definir o que está sendo gerado nas entranhas cibernéticas de um futuro imprevisível. Mas cabe à nossa geração tentar. Talvez, sem o saber, estejamos todos a criar um “admirável mundo novo”, tão desprezível quanto o proposto na visão de Aldous Huxley. Talvez pior, porque produto do racionalismo funcional, já percebido como a forma dominante da “razão” moderna por Max Weber. Mas, sem tentar, nada se logrará, mesmo que dessa tentativa surja este fantástico mundo de coisas e máquinas, manejado pelos seres visualizados por Goethe como “especialistas sem espírito e sensualistas sem coração”.<sup>19</sup>

## Notas

1 É conhecida a posição crítica de Marx contra os socialistas considerados utópicos. Marx os contesta desde o rompimento com Proudhon, no *Miséria da Filosofia*, senão também, e mais explicitamente, no conhecido texto *Socialismo Utópico e Socialismo Científico*, traduzidos ambos para o português.

2 Para uma síntese do tema e dos autores referidos, ver o meu texto SOUZA, Nelson Mello e. Capitalismo e distribuição de renda: Thomas Piketty. *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 718, p. 3-58, jan. 2015.

3 CAVALCANTI, Dirce Assis. *A pele das palavras*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008. p. 50.

4 Sobre a organização do protesto operário, a bibliografia é imensa. Suficiente consultar DOLLÉANS Eduard. *Histoire du mouvement*

*ouvrier*. Paris: Librairie Armand Colin, 1946-1947, e principalmente COLE, G. H. D. *Socialist thought*. London: Macmillan Company, St. Martin's Press, 1955.

5 Sobre a vida de Gramsci, incluindo detalhes da infância na Sardenha, ver o bom trabalho de FIORI, Giuseppe. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

6 Sobre o sentimento familiar de Gramsci, além do texto já referido, é conveniente consultar as cartas escritas a partir de 1927, constantes de *Cartas do cárcere*. Galiza, Espanha: Estaleiro Editora, 2011, encontrável nos bons sebos do Rio.

7 Fiori, op. cit., p. 40-63; ver também de SEMIONATTO, Ivette. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 22-27.

8 Fiori, op. cit., p. 42-45.

9 A carta citada está reproduzida nas p. 182-183 de Fiori, op. cit.

10 Ver BLOCH, Ernst. *The utopian function of art and literature*. MIT Press, 1989; Sérgio Buarque de Holanda nos dá um brilhante estudo dessas funções como motivação de europeus humildes para o povoamento do Brasil, com *Visões do paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

11 Para o caráter religioso do marxismo e sua base emotiva, além do jogo dialético da função utópica anteriormente referida, ver a relação direta proposta por COHN, Norman em *The pursuit of the millennium*, apud ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, com referência específica ao marxismo nas páginas 65 e 66; como Eliade propõe a idéia do *millennium*, a do paraíso encontrado,

o Canaã judaico, talvez seja a objetivação de um arquétipo, já que sua origem pode ser reconhecida em mitos sumerianos, bem como nos tamoios do Brasil, com suas esperanças centradas na “Terra sem mal”, além do famoso movimento sebastianista. Mais ainda, o mito medieval do “País da cocanha”, tal como vemos bem exposto no excelente livro de FRANCO JR., Hilário. *Cocanha, a história de um país imaginário*. Prefácio de Jacques Le Goff. São Paulo: Cia das Letras, 1998, é claro indício de como persevera essa forma de ver o mundo. Chega a ter presença marcante nas ideias de Montaigne e Rousseau sobre a pureza da vida selvagem.

12 Ver o meu SOUZA, Nelson Mello e. Marxismo, o mistério de seu fascínio. *Carta Mensal*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 710, p. 3-68, maio 2014.

13 Ver *Ideologia alemã*. Montevideu: Ediciones Pueblos Unidos, 1959. p. 33, onde Marx descarta a “divisão do trabalho social” como consequência da organização burguesa da sociedade e propõe algo similar ao mito da Cocanha para o futuro comunista!

14 Para o tema, ver a coletânea de SCHUMPETER, Joseph reunidas no *The economics and sociology of capitalism*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991, especialmente os textos “The crisis of the tax state”, p. 99-140 e “Can capitalism survive”, p. 298-315, bem como o seu mais conhecido *Capitalism, socialism and democracy*. New York: Harper & Brothers, 1942; válido consultar ainda HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, sua sequência, *A era dos extremos*, assim como o clássico de HEILBRONER, Robert. *The nature and logic of capitalism*. New York: W.W. Norton Co., 1985.

15 Foi a relação amiga de Gramsci com sua cunhada, tal como vemos nas *Cartas do Cárcere*, o que salvou os manuscritos. Na obra de Fiori,

aqui já referida, há boas referências ao assunto. Devemos a essa verdadeira devoção da cunhada a existência da obra.

16 Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder deram início, de 1966 a 1968, à publicação ordenada de separatas dos *Cadernos do Cárcere* no Brasil, começando pelo seu texto de cunho filosófico, “Concepção dialética da história”; Carlos Nelson Coutinho deu sequência às publicações, com “*Maquiavel, a política e o Estado Moderno, literatura e vida nacional*” e *Os Intelectuais e a organização da cultura*, todos pela Ed. Civilização Brasileira. Houve ainda um trabalho anterior, de Michael Löwy, a “Teoria Política de Gramsci”, publicado na *Revista Brasiliense*, e referências adicionais a Gramsci foram feitas por Leandro Konder no seu *Marxismo e alienação*, de 1965, e *Os marxistas e a arte*, de 1967. Note-se, igualmente, nesses primórdios de Gramsci no Brasil, um ensaio do respeitado crítico Otto Maria Carpeaux, constante de sua bibliografia.

17 Para o liberalismo e o iluminismo como “bloco histórico” de cunho revolucionário, há muitas obras que nos servem como apoio indireto para captar o tema. Visão simplificada e apressada, para quem deseja o suficiente, basta consultar a *História da filosofia*, de Julian Marias, e refletir sobre suas elaborações em torno do tipo de intelectual e suas funções, produzido pelos grandes movimentos racionalistas originários desde Bacon e Giordano Bruno, culminando em Galileo e Newton, para chegar a Locke, à era positivista e ao utilitarismo (p. 201-359), Dover Publ., 1967; bem mais concentrado e detalhado é o estudo de GAY, Peter. *The enlightenment: an interpretation*. New York: W. W. Norton and Co., 1969, especialmente o volume II. Interessante também consultar os capítulos V e VI do livro de MORAZÉ, Charles. *Os burgueses à conquista do mundo*. Lisboa, Portugal: Cosmos, bem como o magistral trabalho de GROETHUYSEN, Bernhard. *La formación de la consciencia burguesa en Francia durante el siglo VIII*. México: Fondo de

Cultura Economica, 1943, para perceber, nestas duas obras, o jogo dialético das ideias religiosas e filosóficas, os valores, a influência de inventos técnicos e o desenvolvimento da vida urbana, na formação de um verdadeiro “bloco histórico” que levou à sociedade de classes, favorecendo a ascensão social da burguesia. Para brilhante síntese, com visão mais envolvente de todo o processo, ver de RANDALL, John H. *The making of the modern mind*. New York: Houghton Mifflin Co., especialmente p. 253-388.

18 Sobre o tema da visão paradisíaca, sustentada no jogo do inconsciente pelos mitos perseverantes que giram em torno da busca da felicidade, já observamos anteriormente, em outra nota . A “ditadura do proletariado” é mais um deles.

19 Citação de Goethe feita por Weber na página 182 de *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. New York: Charles Scribner's and Sons, 1958.

*Palestra pronunciada em 18 de agosto de 2015*